

fateixa de pesca

fevereiro 2018

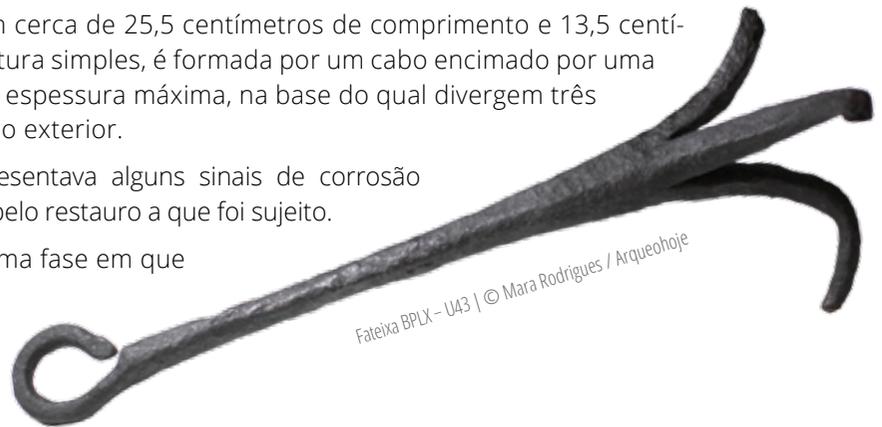
24/24

A peça

Fateixa de pesca em liga de ferro, com cerca de 25,5 centímetros de comprimento e 13,5 centímetros de largura máxima. De manufatura simples, é formada por um cabo encimado por uma argola, com cerca de 2 centímetros de espessura máxima, na base do qual divergem três anzóis equidistantes encurvados para o exterior.

No momento da sua descoberta apresentava alguns sinais de corrosão e de deformação, anomalias corrigidas pelo restauro a que foi sujeito.

A sua utilização data do século XIX, numa fase em que o quarteirão ainda não havia sido adquirido na totalidade pelo Banco de Portugal.



✓ O grupo

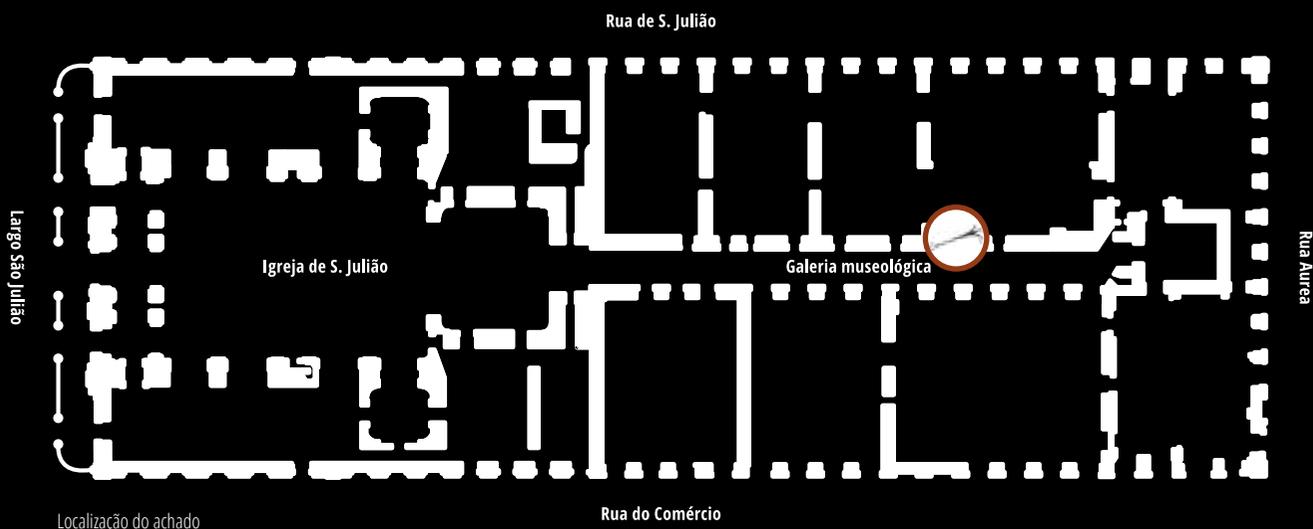
A pesca foi durante séculos um recurso económico de primeira linha e como seria expectável numa zona ribeirinha como a da antiga freguesia de São Julião, os utensílios relacionados com esta atividade, entre os quais a fateixa, marcam presença no registo arqueológico, disseminados num leque diversificado de ocorrências, no qual os pesos de rede e os anzóis tendem a ser os mais numerosos.

Regra geral, as peças destinadas à pesca, com remotos antecessores desde o Paleolítico, recorrem a processos de fabrico simples quer se tratem de artefactos em osso, líticos, cerâmicos, mormente ou pesos, ou metálicos, caso dos anzóis, ganchos, arpões etc., traduzindo formas práticas cuja universalidade as leva a ser aproveitadas noutras atividades e para funções diferentes.

No caso das fateixas, a presença da argola na ponta do cabo permite amarrar uma corda e, consequentemente, arremessar e recolher a peça após a preensão de um alvo específico, razão pela qual, além de anzol de pesca, o seu emprego como âncora, arpão, instrumento de escalada ou até arma é também recorrente.

Pormenores da corrosão da peça antes do restauro | © Mara Domingues / Arqueohoje





^ O achado

Esta fateixa foi descoberta no interior do poço pombalino situado na área do saguão do Edifício Sede do Banco de Portugal, atual galeria museológica da muralha de D. Dinis, encontrando-se exposta no seu local de origem.

A peça fazia parte de um estrato de lixeira que ali havia sido despejado após a desativação do poço, com bastante espólio de origem doméstica, na maior parte cerâmica comum, vidro e fauna, os derradeiros indícios da ocupação do quarteirão antes da compra por parte do Banco de Portugal.

✓ Outras informações

No leque de materiais arqueológicos, os artefactos metálicos integram um dos grupos que maior investimento requer na sua manutenção. Contrariamente à maior parte das cerâmicas, usualmente o espólio arqueológico mais abundante, para a preservação a médio e longo prazo dos metais são necessários diferentes trabalhos de conservação e restauro, focados tanto na reabilitação das peças em si como na monitorização e correção do meio ambiente onde se encontram expostas.

Para esta fateixa, além dos processos de estabilização e consolidação iniciais (lavagens, aplicações de ácidos, adesivos acrílicos e ceras microcristalinas) são também cumpridas verificações regulares ao seu local de depósito, visto aquele contexto não proporcionar as condições ideais de conservação: no interior daquele poço pombalino e devido à proximidade do lençol freático, a humidade não pode ser totalmente eliminada, fator que havia sido, aliás, o principal responsável pela corrosão que a peça exibiu ao ser descoberta nos trabalhos de 2010-2011.



Fateixa – BPLX U43 em processo de restauro.



Vista do topo do enchimento do poço.